

“Um pônei chamado cavalo”: uma história de amor paterno  
Suzana Yolanda Machado Cánovas

Lançado em 2014, em primorosa edição da Cãnone Editorial e com ilustrações não menos primorosas de Santiago Régis, *Um pônei chamado cavalo* é uma pungente declaração de amor do autor por seu filho.

O cunho autobiográfico da obra pode ser facilmente verificado se estabelecermos um paralelo entre a história narrada e o texto que fornece os dados pessoais do autor, que traz sua foto, captada num instante em que sorri junto com o filho.

Aliás, nós, seus colegas na Faculdade de Letras, nos acostumamos a vê-los pelos corredores, sempre em alegres folguedos, “a cara de um, o focinho do outro”, como diz o narrador de *Um pônei chamado cavalo* (2014, p. 6). Além disso, tanto no real empírico quanto no universo ficcional, eles têm o mesmo nome. Mas o dado mais importante fornecido pelo texto informativo é que a história foi contada ao pai pelo menino com apenas dois anos de idade, e ele se apressou a colocá-la no papel.

No livro, texto e ilustração se encaixam numa unidade tal que se torna difícil dissociá-los no momento da sua apreensão pelo leitor. Na abertura da história, quando o “era uma vez” se faz presente, pai e filho aparecem cada um em uma página, o que possibilita uma visão especular. Ambos vestem roupa idêntica, têm o mesmo rosto, e a única diferença entre eles é o bigode do pai, que funciona como indicativo do fato de ser adulto.

Nessa espécie de espelho, a imagem do filho está invertida, de cabeça para baixo. Há como pano de fundo, em letras vermelhas e amarelo ouro, a sugestão de muitos nomes – Otávio, Hugo, Eduardo, Rafael, André... Mas, soberanas, lá estão as palavras em azul – Pai e Filho. Alexandre Costa e Alexandre Costa Filho, transformam-se, respectivamente, em Fulano Beltrano de Tal e Fulano Beltrano de Tal Filho.

Na continuidade do texto, aparece o mesmo procedimento especular, com as imagens dos protagonistas no canto das páginas, fazendo careta, com língua de fora, e o pano de fundo enumera vários entretenimentos – jogar bolinhas de gude, soltar pipas, brincar de pirata... – que informa como eles se divertiam juntos. Como não moravam na mesma casa, aproveitavam intensamente os momentos em que podiam compartilhar a companhia um do outro, transformando objetos do cotidiano, como cadeiras de rodinhas, bolinhas encontradas a esmo embaixo da cama, almofadas e vassouras, em navios, binóculos e cavalos.

Na verdade, cavalos constituem o tema central da obra, o que é comprovado pelo próprio título. Como o autor nos informa que a história relatada no livro lhe foi contada por seu filho na mais tenra idade, somos levados a refletir sobre a importância do contador de histórias e a questão da autoria.

Segundo E. M. Forster, em *Aspectos do romance*, o ato de contar histórias é imensamente velho, pois “vem dos tempos neolíticos, ou talvez dos paleolíticos” (1969, p.20), quando o homem das cavernas já se sentava em volta das fogueiras para ouvi-las. Muito depois, Sherezade, a talentosa contadora de histórias de *As mil e uma noites*, salvou sua vida unicamente por saber manejar a arma do suspense.

Em se tratando de *Um pônei chamado cavalo*, o fascínio despertado no leitor diz respeito à fonte em que o autor bebeu – o produto da imaginação de uma criança da mais tenra idade, que nem sequer fora introduzida ainda no mundo das letras. Além disso, a situação se inverte, pois, comumente, são os pais que contam histórias para seus filhos. E aqui nos perguntamos: o autor é Alexandre Pai ou Alexandre Filho? Sabemos que há histórias que nunca foram escritas, e nem por isso deixaram de ser consideradas literárias. O pai do menino a fixou por meio de letras, burilou o texto e contou com a sofisticação de belas ilustrações, mas, à sombra disso tudo permanece a criatividade infantil.

Além da paixão pelas brincadeiras e por contar histórias, pai e o filho amavam os animais, sobretudo os cavalos, e isso os remete para o São Jorge, o santo guerreiro, cuja estátua o representa montado num cavalo com um dragão aos pés. Eles gostavam de cantar uma canção, que, na verdade, é uma oração, chamada “Jorge da Capadócia”, existindo até um

vídeo na Internet. Há aqui, portanto, a presença da intertextualidade, com a introdução dessa canção/oração no universo ficcional.

É interessante observar que, afortunadamente, as histórias infantis tomam hoje um rumo que se opõe a canções tipo “Atirei um pau no gato”, que incita a criança à violência contra os animais. Aqui o cavalo, e, sobretudo, o pônei, que pai e filho conheceram numa fazenda, remete para as mais belas e criativas brincadeiras, e quando o pai cantava para seu filho “era como cuidar do seu pequeno”.

Na obra, a imagem do cavalo está bem distante do sombrio significado simbólico que possui nas mitologias. Em *As estruturas antropológicas do imaginário*, Gilbert Durand, assegura que o cavalo está associado ao terrível movimento temporal e aos relógios naturais, expressando a angústia diante da mudança e do aniquilamento (1997, p.75).

Mas pai e filho não estão inquietos quanto à passagem do tempo e à questão da finitude. Seus momentos de convivência são eternos em sua finitude. É quando as almofadas da casa ou outros objetos se transformam em pôneis, chamados, segundo a imaginação do menino, de Cavalo Filho e Cavalo Pai.